

4

A arquitetura como arte

Para Heidegger, a obra de arte pode ser um dos veículos capazes de levar o ser-aí ao desvelamento da verdade do ser do que é e do ser em si mesmo. A obra de arquitetura, enquanto obra de arte, enquanto *poiesis*, também teria essa capacidade? Quando o filósofo se propõe a pensar no ser da obra de arte no livro *A Origem da Obra de Arte* e descreve o templo grego, embora talvez não tenha essa intenção, constrói uma ponte para podermos responder a essa pergunta afirmativamente, sem considerar que todas as obras arquitetônicas são obras de arte, é claro.

A arquitetura, no papel de criadora de lugares, doadora de espaço, reúne tudo o que é conhecido. As coisas que são lugares propiciam espaços de permanência e são em si construções. Os lugares, enquanto substantivos, dotados de qualidades, também são coisas nomeadas e apresentam um mundo. Dentre todas as coisas, assim como ocorre nas construções arquitetônicas, algumas têm o caráter de arte, e muitas não. A construção arquitetônica, quando se realiza como obra de arte, é confiabilidade, é a materialização da essência das coisas, e para Heidegger, através da obra de arte o ser é iluminado. Ele diz: “Na obra de arte, põe-se em obra a verdade do ente. ‘Pôr’ significa aqui erigir.”⁷⁴ – erigir como construir, como existir, como ser. A verdade enquanto desvelamento acontece dentro de um âmbito. Em última instância a coisa é o que é à luz de sua ambiência, “as coisas são em si mesmas seus próprios lugares e não apenas pertencem a um lugar”⁷⁵. As coisas, na qualidade de lugares, abrigam, no sentido de cuidar, a ligação entre a terra e o mundo. A obra-lugar abre um mundo, remete-o ao céu, repõe-no sobre a terra, garantindo a confiabilidade e proporcionando o reconhecimento que é fruto da identificação e da orientação. Para habitar, o homem precisa identificar-se com o seu lugar, precisa ser capaz de orientar-se para poder sair em busca do seu sustento. A identificação permite o retorno ao lar, enquanto a orientação permite a saída do lar.

A obra enquanto obra instala e torna visível o mundo. O mundo só aflora quando é dito ou posto em obra. A obra abre um mundo e dá pela primeira vez

⁷⁴ Id. Ibid., p. 27.

⁷⁵ Id. “A Arte e o Espaço”. In: *Mimesis e Expressão*. Organização Rodrigo Duarte e Virgínia Figueiredo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 103.

uma aparência às coisas. O lugar dá à luz o que lhe é próprio. “O templo, no seu estar-aí concede primeiro às coisas o seu rosto e aos homens a vista de si mesmos. Esta vista permanece aberta enquanto a obra for obra, enquanto o deus dela não tiver fugido.”⁷⁶. Sendo a vista de si mesmo, quando exilada do seu estar originário, a obra nos transfere o sentimento do estrangeirado, do não estar em casa, do não pertencimento, da solidão metafísica. E não é exatamente aí que perambulamos?



Ilustração 18 - Carrancas, Minas Gerais. Foto de Fabio Gomes. 2012.

Para Heidegger a coisa reúne o mundo na medida em que reúne a quadratura. No ensaio “Construir, Habitar e Pensar”, Heidegger estabelece uma distinção fundamental entre os conceitos de “terra” e “céu”, “divinos” e “mortais”, quando afirma: “A terra é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna.”; “O céu é o percurso em abóbadas do sol, o curso em transformações da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o

⁷⁶ Id. *A Origem da Obra de Arte*. Coleção Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 33.

rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade azul do éter.”; “Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio sagrado desses manifesta-se o Deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação.”; e “Os mortais são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: ser capaz da morte *como* morte.”⁷⁷. E “mundo é o nome que damos a quadratura de céu, terra, mortais e divinos”⁷⁸, o “mundo é o sempre inobjectal a que estamos submetidos enquanto os caminhos do nascimento e da morte, da benção e da maldição nos mantiverem lançados no Ser”⁷⁹. A distinção entre esses elementos pode parecer óbvia, mas, se somarmos à definição que Heidegger dá sobre habitar – “A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o *buon*, o habitar”⁸⁰; “Em *habitando*, os mortais *são* na quadratura.”⁸¹ –, podemos vislumbrar uma possibilidade de encontrar o ser do lugar e o ser do espaço nos mesmos termos concretos que ele emprega para caracterizar esses elementos.



Ilustração 19 - Casa da Dona Maria. Favela Parolim. Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

⁷⁷ Id. “Construir, habitar, pensar”. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 129 e 130.

⁷⁸ Id. “A Linguagem” in *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004, p. 16.

⁷⁹ Id. *A Origem da Obra de Arte*. Coleção Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 35.

⁸⁰ Id. “Construir, habitar, pensar”. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 127.

⁸¹ Id. *Ibid.*, p. 130.

Heidegger afirma que o homem funda seu habitar no mundo, e que por sua vez a obra instala um mundo entre a terra e o céu, onde todas as coisas adquirem a sua demora e pressa, o que nos leva a pensar em como uma construção, uma obra arquitetônica criada pelo homem, repousa no solo e se eleva em direção ao céu instaurando um mundo. A experiência nos diz que ações diferentes pedem lugares diferentes, porém essa afirmação não deve limitar o lugar a uma resposta meramente funcional. Até mesmo as funções mais básicas compartilhadas por todos os seres, como nascer, comer, dormir, defecar e morrer requerem lugares cujo “caráter” transcenda a mera função e responda também às diferenças que variam em função do céu, da terra, do divino e dos mortais, enfim, do mundo. O homem deseja visualizar seu modo de entender a vida dando expressão à base existencial que ele conquistou. Ele precisa perceber como é a terra onde pisa, como é o céu que cobre sua cabeça e quais são as necessidades e desejos que prevalecem. Mais especificamente, precisa perceber os atributos espaciais – área, forma, volume, planos, solo, vegetação – que se referem à terra, os atributos ambientais – orientação solar, clima, incidência eólica, temperatura e umidade do ar – que se referem ao céu, e os atributos culturais e religiosos que se referem aos humanos e deuses, para deixar na abertura do mundo aparecer o modo de ser da fronteira que definirá o “seu” lugar. Pois todo lugar é definido por uma fronteira, um limite, e Heidegger afirma que “o limite não é onde uma coisa termina, mas como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa *dá início à sua essência*.”⁸². Podemos entender por fronteira não somente a definição de critérios espaciais, mas principalmente a definição de uma identidade: um lugar é sempre um onde particular, delimitado, com uma identidade própria construída ao longo de um tempo. Essa identidade é partilhada, muito estreitamente, com os que nele se encontram, e sendo algo que ocorre tanto no espaço quanto no tempo, o lugar atualiza-se como tal incessantemente.

⁸² Id. Ibid., p. 134.



Ilustração 20 – Casa de garrafa pet na Nigéria. Foto retirada do site: <http://arquitetofala.blogspot.com.br>. Acesso em março de 2011.

Podemos dizer então que a arquitetura, na condição de criadora de lugares, deve deixar aparecer a fronteira que garante a confiabilidade entre terra, céu, deuses e mortais. Segundo Heidegger, somente com a correlação entre esses quatro elementos o ser-aí encontra/constrói o seu habitat, um espaço transforma-se em lugar. O homem só habita quando é capaz de deixar aparecer o mundo em suas construções. Deixar aparecer significa dar espaço no sentido de ser e de edificar, conceitos que se pertencem mutuamente. Para Heidegger, ser significa habitar, o ser-aí constrói na medida em que funda lugares, na medida em que habita e na medida em que é. Nas suas palavras, “*Bauen*, construir é propriamente habitar; *Wohnen*, habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra. No sentido de habitar, construir desdobra-se em duas acepções: construir, entendido como cultivo e o crescimento e construir no sentido de edificar construções.”⁸³. O construir como habitar se desdobra no construir que cuida. “A essência do construir é deixar-habitar. A plenitude de essência é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços. *Somente em sendo capazes de habitar é que podemos*

⁸³ Id. Ibid., p. 128.

construir.”⁸⁴. Heidegger conclui que “o pensar, assim como o construir, pertence ao habitar (...)”⁸⁵. “Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar”⁸⁶.



Ilustração 21 – Ginásio com refugiados do terremoto no Japão. Projeto do arquiteto Shigeru Ban. Usando bobinas de papel e papelão, projetou divisórias para dar mais privacidade às famílias. Foto retirada do site: <http://www.spoon-tamago.com>. Acesso em março de 2011.

Podemos incluir aqui a reflexão do ensaio *A arte e o espaço*, no qual Heidegger se propõe a pensar sobre o próprio do espaço. Espaço é, para este filósofo, um fenômeno originário, o produto de um espaçamento; ele constata que a linguagem fala do “espaçar”, que, por sua vez, refere-se à instância mais originária, isto é, refere-se ao mundo. O espaçar é a livre doação de lugares, ele instala a localidade e prepara um habitar. O ser do lugar existe através da doação, que dá origem ao existir. “A instauração é um excesso, uma oferta”⁸⁷; instauração é origem. No espaçar fala e vela um acontecer, e o espaçado é o que a cada vez se propicia e, com isso, se articula. É o que se reúne de forma integradora através de

⁸⁴ Id. Ibid., p. 139.

⁸⁵ Id. Ibid., p. 140.

⁸⁶ Id. Ibid.

⁸⁷ Id. *A Origem da Obra de Arte*. Coleção Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 60.

um lugar. “Os espaços que percorremos diariamente são arrumados pelos lugares, cuja essência se fundamenta nesse tipo de coisa que chamamos de coisas construídas.”⁸⁸. Para o autor deveríamos procurar o próprio do espaçar na fundação da localidade e pensar a localidade como o jogo recíproco de lugares. No seu livro, Ligia Saramago assinala que nem os lugares concedem espaços nem o espaço concede lugares. O espaço, que é sempre dar-espaço, recebe o que tem de próprio da reunião de lugares, que Heidegger chama de incorporação de lugares. Esta incorporação dá-se como localidade, como jogo recíproco de lugares. O espaço é, portanto, a incorporação de lugares, a vigência de uma reunião de lugares num mútuo pertencer.

Na sua descrição do templo grego – apesar de anterior ao seu ensaio *Construir, habitar, pensar* e à elaboração do conceito de quadratura – já se pode verificar a presença de quatro elementos: o céu, a terra, o deus, os homens mortais. Neste ensaio Heidegger precisa a relação de intimidade e copertencimento desses elementos, colocando as construções como lugares que instalam, no sentido de abrir e guardar a quadratura. O templo doa lugar para a quadratura quando e enquanto produz o elo de união entre terra, céu, deuses e mortais, apresentando e inaugurando um mundo latente. O construir recebe, assim, através da quadratura, a medida para todo dimensionamento e medição dos espaços que se abrem a cada vez com os lugares fundados. A quadratura determina a fronteira do lugar-templo, ao mesmo tempo em que este devolve a ela o sentido de sua existência. O templo se relaciona com todos os elementos da quadratura e faz com que estes se mostrem como são ao mesmo tempo em que os une num todo simples. Através dele as pedras se tornam mais pedras, o mar se torna mais mar e o céu, mais céu. O homem construtor, que permanece entre esse céu e essa terra, salva o mundo, encontrando e proporcionando, a um só tempo, no lugar-templo seu abrigo, seu refúgio, sua paz.

O homem habita esta terra enquanto habita o mundo que abre e vela a verdade, enquanto deixa a terra ser terra, o céu ser céu, os deuses serem deuses e os homens serem homens. É um deixar que cuida, guarda, abriga.

⁸⁸ Id. “Construir, habitar, pensar”. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 135.

4.1. A Ponte

A ponte pende com leveza e força sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraídas em cada margem. A ponte coloca numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte *reúne integrando* a terra como paisagem em torno do rio...

A ponte permite ao rio o seu curso ao mesmo tempo em que preserva, para os mortais, um caminho para a sua trajetória e caminhada de terra em terra... Sempre e de maneira a cada vez diferente, a ponte conduz os caminhos hesitantes e apressados dos homens de forma que eles cheguem em outras margens, de forma que eles cheguem ao outro lado, como mortais... Quer os mortais prestem atenção, quer se esqueçam, a ponte se eleva sobre o caminho para que eles, os mortais, sempre a caminho da última ponte, tentem ultrapassar o que lhes é habitual e desafortunado e assim acolherem a bem-aventurança do divino. Enquanto passagem transbordante para o divino, a ponte cumpre uma *reunião integradora*.⁸⁹

Heidegger escreve que a ponte pende com leveza e força sobre o rio. Ela não apenas liga as margens previamente existentes, mas estas só surgem enquanto tais na travessia da ponte. A ponte permite ao rio seu curso e preserva, para os mortais, um caminho para sua trajetória e caminhada de terra em terra. Como passagem, a ponte reúne integrando terra e céu, os divinos e os mortais. Para Heidegger a ponte é uma coisa não como objeto, seja de produção ou de simples representação; ela é uma coisa uma vez que coisifica, no sentido de reunir e recolher numa unidade, as diferenças. Nessa coisificação, terra e céu, mortais e imortais, na distância própria de cada um, são levados à proximidade recíproca de sua união. Fazendo-se coisa, as coisas desdobram um mundo, “fazendo-se coisas, as coisas dão suporte a um mundo”⁹⁰.

⁸⁹ Id. Ibid., p. 131.

⁹⁰ Id. “A Linguagem”. In: *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004, p.17.



Ilustração 22 - Rua da Favela Parolim. Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

A ponte é, para Heidegger, uma coisa porque reúne integrando a quadratura de modo a proporcionar uma pausa, e só pode abrir um espaço para uma pausa aquilo que é em si mesmo um lugar. Este lugar não está simplesmente dado antes da ponte, ele surge nela. Ao longo do rio muitas posições podem ser ocupadas por alguma coisa e, dentre essas posições, uma tem a potencialidade latente de se tornar um lugar. A ponte não se situa neste lugar, mas é dela que surge o lugar. A ponte é uma coisa que inaugura seu próprio lugar fazendo aparecer em si mesma a

potencialidade latente daquela região. A ponte é um lugar, e assim sendo é uma coisa. “Coisas, que desse modo são lugares, são coisas que propiciam a cada vez espaços”⁹¹. A ponte reúne integrando de modo a propiciar à quadratura os lugares e os caminhos pelos quais se arruma e se dá espaço a um espaço. Os espaços percorridos são articulados pelos lugares, cuja essência se fundamenta na coisa construída. O lugar-coisa que é a ponte é em si uma construção que visualiza, simboliza e reúne; é uma coisa que transforma o ambiente num todo unificado, instaurando o lugar, inaugurando o mundo. Neste sentido, o propósito existencial do construir é fundar e articular lugares, isto é, tornar presente, concreto, real, aparente, o modo latente de uma determinada ambiência, é tornar visível e materializar o *genius loci*⁹² do lugar. A ponte faz presente um lugar ao mesmo tempo em que seus elementos surgem como são. A paisagem como tal obtém seu valor por intermédio da construção-ponte. A ponte liga o ser a uma localização que podemos chamar de lugar e que não existia como entidade antes da ponte, mas se faz presente com e como ponte. A vida humana tem lugar na terra e a ponte torna manifesto esse fato.

O lugar-ponte existe nas suas arcadas, na sua estrutura, que tanto pelo espaço vazio permite que passem as águas do rio, quanto pelo seu espaço construído, os homens. Se não houvesse vazio na ponte ela seria uma barreira, e não uma ponte. O vazio se faz presente como um fator essencial na questão do espaço, não sendo o vazio sinônimo de falta, mas de presença: “o vazio é o livre não ocupado”⁹³.

O volume corpóreo acabado está em permanente diálogo com o espaço livre e o espaço ocupado. É no espaço livre do volume ocupado que o ser encontra sua morada, bem como é o espaço livre do vazio que acolhe e instaura os lugares. O vazio faz o lugar ser o que é: recipiente que acolhe em seu espaço a vida na terra.

⁹¹ Id. “Construir, habitar, pensar”. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 134.

⁹² *Genius loci* é um termo latino que se refere ao “espírito do lugar”, e é objeto de culto na religião romana. Segundo Sêrvio, em *Vergilii Aeneidos Commentarius* (“Comentário à Eneida de Virgílio”), 5, 95, “*nullus locus sine Genio*” (“nenhum lugar é sem um Gênio”). Modernamente, *genius loci* tornou-se uma expressão adotada pela teoria da arquitetura para definir uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interação entre lugar e identidade, tal como propõe Christian Norberg-Schulz. A expressão *genius loci* diz respeito, portanto, ao conjunto de características sócio-culturais, arquitetônicas, de linguagem, de hábitos, que caracterizam um lugar, um ambiente, uma cidade. Indica o “caráter” do lugar. O termo é utilizado por Aldo Rossi quando se refere à preocupação com o local e o entorno do terreno das suas futuras construções.

⁹³ Id. “A Arte e o Espaço”. In: *Mimesis e Expressão*. Organização Rodrigo Duarte e Virgínia Figueiredo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 70.

É nessa possibilidade de doação que repousa a qualidade do vazio que recebe e doa, aquilo que chamamos de mundo.



Ilustração 23 - Cloud Gate. Anish Kapoor. (2006). Millennium Park. Chicago. Foto retirada do site: <http://blog.otterbox.com/tag/chicago>. Acesso em março de 2011.

No pensamento de Heidegger, o lugar não é algo que se opõe ao ser humano, não é um objeto exterior, nem uma vivência interior. Não existem pessoas e, além delas, o espaço. Entretanto, como uma placa giratória num jogo de espelhos, o lugar, que é uma coisa, que é um lugar construído entre o céu e a terra pelo homem, corporifica um mundo latente, trazendo esse mundo de volta à terra. Esse lugar-coisa-construção que se instala no livre guarda a quadratura na sua essência, doa ao que é a vista de si mesmo, proporciona o habitar, abre a morada do ser. Nele, com ele e através dele, o ser-aí pode existir como tal.

4.2. A Mesa

Uma tarde de inverno

Na janela a neve cai,
Prolongado soa o sino da tarde.
Para muitos a mesa está posta
E a casa bem servida

Alguns viandantes da errância
Chegam até a porta por veredas escuras.
Da seiva fria da terra
Surge dourada a árvore dos dons

O viandante chega quieto;
A dor petrificou a soleira.
Aí brilha em puta claridade
Pão e vinho sobre a mesa.⁹⁴

A poesia fala por imagens, diz Heidegger, e a natureza da imagem é deixar ver. Este poema de Georg Trakl, “Uma tarde de inverno”, citado pelo filósofo no livro “A caminho da linguagem”, ilumina algumas qualidades fundamentais do lugar. O poema corporifica as propriedades básicas da existência do homem, dá imagem aos fenômenos fundamentais do mundo e, assim, desvenda o sentido inerente à vida. Ora, a poesia é capaz de concretizar as totalidades que escapam à ciência; o poema é um dizer genuíno, inaugural, da verdade do ser por meio de imagens poéticas.

Na leitura deste poema, Heidegger medita a respeito de cada uma das suas três estrofes. A primeira estrofe retrata o que se passa fora e dentro da morada, nomeando o tempo de uma tarde de inverno e instalando a propriedade do lugar-casa. “O cair da neve traz os homens para debaixo do céu que escurece na noite. O soar do sino da tarde traz os homens enquanto mortais para diante do divino. O sino é um símbolo que relembra os valores comuns nos quais a totalidade se fundamenta. Casa e mesa ligam os mortais à terra.”⁹⁵. As coisas assim colocadas recolhem junto a si o céu e a terra, os mortais e os divinos. As coisas deixam a

⁹⁴ Id. “A Linguagem”. In: *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004, p. 12.

⁹⁵ Id. *Ibid.*, p. 16.

quadratura nelas perdurar. “Mundo é o nome que damos à quadratura de céu, terra, mortais e divinos, que perdura com unidade no fazer-se coisa das coisas.”⁹⁶.



Ilustração 24 - Casa da Dona Zeneide. Favela Parolim. Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

Na segunda estrofe surge uma oposição entre aqueles que seguros estão em casa, envoltos pelo que é familiar, e outros que caminham errantes, por veredas escuras, peregrinos da conquista do desconhecido, que devem enfrentar seu destino para alcançar a morada não só para si mesmos como também para os outros que já estão à mesa. A árvore enraizada forte na terra eleva-se para a dádiva do céu. Do surgir da árvore prevalecem a quadratura unificada e o mundo que com ela aparece.

⁹⁶ Id. Ibid.



Ilustração 25 – Apartamento na Cidade Industrial de Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

A terceira estrofe convida o peregrino a sair da escuridão do desconhecido e entrar para a proteção da casa acolhedora. O homem é um peregrino que precisa sair do seu lar para alcançar o mundo, trilhar o caminho da vida. A casa dá abrigo e segurança, mas há a soleira da porta, que emoldura uma abertura de copertencimento do interior e do exterior. A soleira é a fronteira, a passagem, é a viga que sustenta a abertura, “ela segura o meio em que o fora e o dentro se

interpenetram.”⁹⁷. A soleira sustenta a intimidade entre mundo e coisa que vigora na diferença: “a di-ferença dá suporte ao fazer-se mundo do mundo”⁹⁸. A soleira é firme porque a dor a transformou em pedra, a dor da passagem de um lugar a outro. “A dor é a articulação de ser em relação ao outro.”⁹⁹. A escuridão torna-se escuridão na soleira, a claridade torna-se claridade na soleira. É na soleira que o problema do habitar torna-se presente. É depois de atravessar a soleira que o homem encontra o pão e o vinho sobre a mesa, frutos do trabalhar na terra e sob o céu, “são presentes dos divinos para os mortais”¹⁰⁰.

As coisas – pão, vinho e mesa – recolhem e reúnem em si a quadratura, favorecendo o aparecer do mundo. As coisas que são objetos são propriedades concretas do mundo. Elas falam da nossa história, do nosso percurso, de como chegamos aqui, são guardiãs de um estado existencial. Elas convidam o homem a entrar e habitar um lugar vivido e portador de significados. Habitar uma casa, sentar-se à mesa, encontrar lá alimento, significa habitar o mundo. Uma casa é um instrumento metafísico, concreto, uma ferramenta com a qual procuramos dar à nossa existência passageira um reflexo da eternidade. Através do lugar que habitamos é que elaboramos esquemas perceptuais que determinarão todas as nossas experiências, sejam elas ricas e profundas, sejam pobres e medíocres. O lugar surge no plano simbólico com a significação consciente de um sentido social e, no plano concreto, com o estabelecimento de uma região claramente definida em que os seres humanos podem passar a existir como tais.

Heidegger, no seu ensaio “Construir, habitar, pensar”, usa relações linguísticas para mostrar que habitar significa estar em paz num lugar protegido. Para ele o modo como eu sou, tu és e nós seres humanos somos na terra é *buan*, o habitar. A palavra *buan* (morar) é estreitamente relacionada com o verbo ser. Habitar então significa reunir o mundo com uma construção concreta. O conceito de concretização denota a essência do habitar. O homem habita quando é capaz de concretizar o mundo em construções e coisas. Morar numa casa é habitar o mundo.

⁹⁷ Id. Ibid., p. 20.

⁹⁸ Id. Ibid., p. 19.

⁹⁹ Id. Ibid., p. 21.

¹⁰⁰ Id. Ibid., p. 22.



Ilustração 26 - Casa da Dona Nair. Boqueirão. Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

Nesse sentido, a missão da arquitetura é reunir os quatro elementos na quadratura, materializando o mundo para “dar lugar” ao habitar poético. Os homens habitam na medida em que cuidam da quadratura, resguardando-a em sua essência. O habitar poético implica salvar a terra, porque a deixa livre em seu próprio vigor; receber o céu como céu, uma vez que o deixa ser o que é; guardar os deuses como deuses, na medida em que na desgraça espera por uma salvação; e conduzir os mortais até sua própria essência: a morte enquanto morte. O próprio do habitar, segundo Heidegger, é o quádruplo cuidar. O habitar vela pela unidade dos quatro elementos junto aos quais os homens habitam: nas coisas. O habitar vela a quadratura levando a essência desta às coisas. As coisas somente abrigam a quadratura quando são deixadas permanecendo na sua essência. O habitar enquanto guardar é um construir. As coisas que são lugares são produzidas pelo construir. A essência do construir é deixar habitar. A construção realiza sua essência ao edificar lugares por meio da reunião de seus espaços. Somente se for capaz de habitar o homem poderá construir. Somente se for capaz de construir, ele poderá habitar. Somente se for capaz de habitar, ele poderá ser – ser na demora de sua essência.

Heidegger diz: “A linguagem fala. O que buscamos no poema é o falar da linguagem.”¹⁰¹. O poema fala porque tece imagens poéticas que brincam com a memória do que foi e do que será, é um dizer genuíno, porque, com tão poucas e simples palavras consegue criar uma imagem concreta de como é atravessar a soleira, de como é estar dentro e estar fora. Este poema consegue colocar o problema fundamental do habitar humano: a reconquista do paraíso perdido, a busca do lugar original. Pois, se o ser-aí é fundamentalmente “um peregrino, do mistério e do conhecimento”, como diz o poeta Fernando Pessoa em *A Hora do Diabo*, o faz em paz quando é capaz de orientar-se e identificar-se através do e no espaço; de copertencer a um mundo; de se reconhecer na terra, no céu, com os divinos e os outros mortais; de habitar. E quando isso não acontece, habita na fronteira do desconhecido, aliena-se ou perde-se, desliga-se da sua essência, ignora a sua busca. Sua existência autêntica se torna distante e cada vez mais próxima.

4.3. Pentesileia

Para falar de Pentesileia, eu deveria começar descrevendo o ingresso na cidade. Você sem dúvida imagina ver elevar-se no planalto poeirento uma cinta de muralhas, aproximar-se passo a passo de sua porta, vigiada por guardas aduaneiros que fitam com suspeita os seus pacotes. Até alcançá-la, você permanece do lado de fora; depois de passar sob uma arcada, você se encontra dentro da cidade; você se sente circundando por seu espessor compacto; entalhado na pedra; há um desenho que se revelará se você seguir o seu traçado anguloso.

Se você acredita nisso, engana-se: Pentesileia é diferente. Você avança por horas e não sabe com certeza se já está no meio da cidade ou se permanece do lado de fora. Como um lago de margens baixas que se perdem em lodaçais, Pentesileia expande-se por diversas milhas ao seu redor numa soa de cidade diluída no planalto: edifícios pálidos que dão as costas para prados insípidos, entre paliçadas de varas e telhados de zinco. De vez em quando, às margens da estrada, uma concentração de construções de fachadas áridas, altas altas ou baixas baixas com pente desdentado, parece indicar que a partir dali as malhas da cidade se restringem. Em vez disso, prosseguindo você encontra outros terrenos baldios, depois um subúrbio com oficinas e depósitos enferrujados, um cemitério, uma feira com parque de diversões, um matadouro; você se afasta por uma rua de lojas macilentas que se perde em manchas de campo pelado.

Às pessoas com que se depara, você pergunta: Para Pentesileia?, elas fazem um gesto circular que não sabe se quer dizer: “Aqui”, ou então: “Mais adiante”, ou: “Aqui em volta”, ou ainda: “Do outro lado”.

¹⁰¹ Id. “A Linguagem”. In: *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004, p. 14.

- A cidade? – você insiste em perguntar.
- Voltamos para cá todas as manhãs para trabalhar – respondem alguns, e os outros: - voltamos para cá para dormir.
- Mas a cidade onde se vive? – você pergunta.
- Deve ser – dizem – por ali – e alguns levantam o braço obliquamente em direção a uma concentração de poliedros opacos, no horizonte, enquanto outros, às suas costas, indicam o espectro de outras cúspides.
- Então passei por ela sem perceber?
- Não, é melhor tentar ir adiante.

Deste modo, você prossegue, passando de uma periferia para a outra, e chega a hora de partir de Pentesileia. Você pergunta sobre a estrada para sair da cidade; volta a percorrer a fileira de subúrbios espalhados como um pigmento leitoso; vem a noite; iluminam-se as janelas, ora mais ralas, ora mais densas.

Se escondida em algum bolso ou ruga dessa circunscrição transbordante existe uma Pentesileia reconhecível ou recordável por quem ali esteve, ou então se Pentesileia é apenas uma periferia de si mesma e o seu centro está em todos os lugares, você já desistiu de saber. A pergunta que agora começa a corroer a sua cabeça é mais angustiante: fora de Pentesileia existe um lado de fora? Ou, por mais que você se afaste da cidade, nada faz além de passar de um limbo para o outro sem conseguir sair dali?¹⁰²

Nossas cidades são preenchidas em sua grande maioria por espaços que, como a cidade de Pentesileia, não oferecem mais ao homem a capacidade de identificar-se, orientar-se e de se sentir em casa. Pentesileia, uma das tantas cidades descritas por Ítalo Calvino em seu livro *Cidades Invisíveis*, é um lugar onde se é possível passear por horas e não saber ao certo se a cidade já chegou ou se já saiu; se já estamos em seu centro ou se ainda permanecemos do lado de fora. É uma das cidades que melhor apresenta poeticamente a questão do não-lugar¹⁰³ que tem estado presente na contemporaneidade.

¹⁰² CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.143.

¹⁰³ O não-lugar é um conceito proposto por Marc Augé para designar um espaço incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade. O conceito de não-lugar se opõe ao conceito de lugar antropológico, designado desde Marcel Mauss, como um espaço identitário, relacional e histórico. O não-lugar, neste sentido, é o espaço não-identitário, não-relacional e não-histórico.



Ilustração 27 - Cemitério de aviões de Guerra. Arizona. Foto retirada do site: <http://guilhermegeerold.blogspot.com.br>. Acesso em março de 2011.

A origem das cidades se confunde com a origem dos lugares de reunião dos homens, que acontecia primeiramente em cultos, santuários e cemitérios. A origem da arquitetura está longe de ser a cabana, ou o templo, pois antes que as pedras fossem amontoadas para se transformarem em colunas, folhas unidas para constituírem um telhado, o homem colocou uma pedra no chão para marcar um lugar no meio de um espaço desconhecido e, assim, constituiu um lugar. A organização do espaço e a constituição dos lugares foram, desde sempre, motivações das práticas coletivas e individuais, pois os homens necessitam encontrar a própria identidade enquanto se relacionam e, para tanto, necessitam materializar em símbolos e construções os elementos da sua existência partilhada e singular. Os homens precisam criar elementos que marquem o lugar de compartilhamento das experiências da vida e que sejam reconhecidos por todos, para que a cada novo percurso possam encontrar nesses lugares investidos de sentido conforto e paz, lugares onde possam se encontrar como si próprios em relação com os outros.

Lugar é a construção concreta e simbólica do espaço, à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. O lugar é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem observa.¹⁰⁴



Ilustração 28 – Autoestradas. Los Angeles. Foto retirada do site: <http://www.education.org.br/>. Acesso em março de 2011.

Identificação e orientação são aspectos essenciais do estar-no-mundo do homem. Enquanto identificação é a base do sentimento de pertencer a algum lugar, a orientação é capaz de tornar o homem peregrino e lançá-lo para cumprir seu destino. A identidade e a orientação do homem se definem em função dos sistemas de pensamento desenvolvidos, referências adquiridas que determinam o mundo apreensível. Ao identificar-se, o ser-aí torna-se capaz de habitar, de sentir-se em casa e, ao habitar, de ser livre e conquistar o mundo – e para conquistar o mundo precisa orientar-se. Portanto, todo homem precisa possuir sistemas de orientação e de identificação que pressupõem o lugar, pois os objetos de identificação são propriedades concretas do lugar dotado de caráter e significado. É necessário se identificar com o lugar para estabelecer relações e elaborar esquemas perceptuais que determinarão todas as experiências presentes e futuras. A contemporaneidade concentra sua atenção na função prática da orientação e esquece a identificação. O lugar tem o importante papel simbólico e político de

¹⁰⁴ AUGÉ, Marc. *Não- Lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2010, p. 51.

representar a estrutura das relações sociais. Compreender a identificação como relação com determinado lugar e reconhecê-la como portadora de um significado torna-se urgente.

Como um fenômeno aristotélico, o lugar surge no plano simbólico com a significação consciente de um sentido social e, no plano concreto, com o estabelecimento de uma região claramente definida em que o homem ou os homens podem passar a existir.¹⁰⁵



Ilustração 29 - Maracanã em dia de jogo. Flamengo X Ceará (2010). Foto retirada do site: <http://www.jangadeiroonline.com.br>. Acesso em março de 2011.

Se um lugar pode se definir como portador de uma identidade, onde e através do qual é possível orientar-se, um lugar que não pode se definir como tal definirá um não-lugar. No não-lugar as coisas cotidianas perdem sua significação, a familiaridade se dissolve, dando lugar à sensação de não-estar-em-casa. No não-lugar o que prevalece é um mundo comprometido com a solidão do consumo alienado, com a existência inautêntica de Heidegger. Em nossos não-lugares, periodicamente nos congratulamos pela capacidade de abstração, por medo de admitir que talvez tenhamos eliminado a possibilidade de habitar em algum lugar. Numa era destituída, em um mundo carente da base que lhe dá fundamento, na qual o homem pode lançar suas raízes e permanecer, o habitar do mundo na terra é

¹⁰⁵ FRAMPTON, Kenneth. “Uma leitura de Heidegger”. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 479.

afetado. A alienação e a inautenticidade ocupam o lugar do verdadeiro habitar. “Trocamos com alegre inconseqüência nossa já débil influência na esfera pública pelo aturdimento eletrônico da esfera privada do futuro.”¹⁰⁶

Marc Augé, em seu livro *Não-Lugares – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*, considera que na autoestrada, no supermercado, no aeroporto, no *shopping center* e em outras construções que muitas vezes não passam de respostas econômicas e imobiliárias aos programas contemporâneos da arquitetura, constituem-se não-lugares reais com os quais os homens só interagem por meio de textos e placas de sinalização. Nesses não-lugares o homem é levado mais a ler do que a olhar, tudo é feito com placas indicativas, sem as quais é impossível orientar-se, direcionar-se, mover-se e identificar-se. O não-lugar não é, portanto, capaz de comunicar por si próprio, ele precisa de manual de instruções, ele não inspira gestos ou atitudes, apenas repetições de normas ou maneiras de se comportar genéricas, que podem se estabelecer em qualquer lugar.

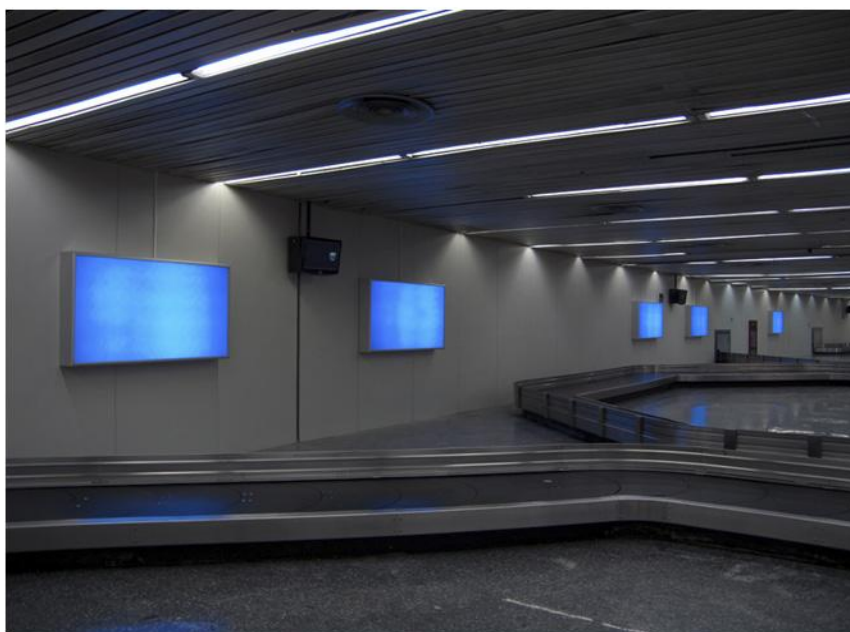


Ilustração 30 – Diário Urbano. De Luiza Baldan. (2007-2011). Imagem retirada do site da artista: <http://www.luizabaldan.com>. Acesso em março de 2011.

O não-lugar de Marc Augé cria a identidade provisória partilhada por passageiros que no seu anonimato não pretendem lá estabelecer morada. O anonimato que diz respeito a cada identidade provisória também pode ser sentido

¹⁰⁶ Id. Ibid., p. 478.

como uma libertação de suas raízes por aqueles que não querem mais permanecer no seu próprio ser e habitar no seu próprio lugar de origem, no seu solo pátrio. Para Marc Augé, o passageiro do não-lugar só conquista seu anonimato após ter fornecido a prova de sua identidade, que vem numa carteira e no cartão de crédito, pois ele é sempre obrigado a provar que é ele mesmo, embora a prova dele mesmo seja inautêntica. O passageiro estabelece sua identidade inautêntica no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora, pois o não-lugar que diferencia uma pessoa da outra é o potencial do seu cartão de crédito. O não-lugar não cria identidade singular nem relação, cria solidão e inautenticidade, cria uma existência desenraizada, desterritorializada.

A existência do homem na terra depende da relação com o lugar. A palavra habitar se refere à relação do homem com o lugar. Habitar pressupõe a identificação com o ambiente, significa estar em paz num lugar protegido. O homem habita quando é capaz de concretizar o mundo em suas construções.



Ilustração 31 - Tiradentes, Minas Gerais. Foto de Rafael Borelli. 2010.

o mundo onde o *dasein* se encontra lançado diante de suas possibilidades e lugar de todo possível desencobrimento, este mesmo mundo, não obstante, por seu

caráter óbvio e excessivamente próximo, é também onde tende a encobrir-se o que há de mais essencial no *dasein*, onde uma aparente familiaridade esconde o forte sentimento de desenraizamento que o perpassa.¹⁰⁷

A qualidade da arquitetura reside na capacidade de despertar nossa imaginação e de doar seus espaços para o lugar da habitação do homem. As formas em si não possuem significados por si próprias, mas comunicam um sentido por meio de imagens enriquecidas por associações, relações e pela identificação. O sentido depende da capacidade das construções em simbolizar a existência ou presença humana. Podemos perceber a perda da capacidade de comunicação da arquitetura, pois as construções parecem ter ignorado sua vocação de criar lugares. Provavelmente, haveria poucos lugares nas cidades nos quais qualquer um de nós escolheria estar.

Kenneth Frampton, em seu ensaio “Uma leitura sobre Heidegger”, cita quatro condições contemporâneas que diminuem a contribuição possível da arquitetura para o habitar: a impossibilidade de distinguir entre arquitetura e construção e o pressuposto de que toda obra construída é arquitetura; a aceitação passiva da construção industrializada em detrimento de todo apelo ao artesanato; a busca de uma prática autônoma, que se opõe à “produção do lugar” e ao “estar no mundo”; a perda do contato com a natureza; e a evidente destruição dos recursos naturais pela tecnologia. Para o autor,

O espraiamento dos subúrbios só serve para estimular a especulação imobiliária e maximizar a amortização dos investimentos em determinadas linhas de produtos de consumo. A criação do lugar, no sentido ontológico e político da palavra, geralmente é prejudicada pela persistência de políticas de não intervenção e na dispersão espacial.¹⁰⁸

¹⁰⁷ PÁDUA, Lígia Teresa Saramago. *A “topologia do ser”*. Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Tese de doutorado em filosofia, Departamento de Filosofia, PUC - Rio, 2005, p. 54.

¹⁰⁸ FRAMPTON, Kenneth. “Uma leitura de Heidegger”. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 479.



Ilustração 32 – Engarrafamento em 19 faixas em Los Angeles. Foto retirada do site: <http://pedalandoeolhando.blogspot.com.br>. Acesso em março de 2011.

Uma obra de arquitetura não deve ser uma organização abstrata do espaço, ela deve aproximar o homem da paisagem e demarcar um lugar para permitir o habitar poético, que é seu objetivo último. A arquitetura pertence à poesia e seu propósito deve ser o de ajudar o homem a habitar. A arquitetura começa a existir quando torna visível o mundo, quando concretiza o *genius loci* do lugar. O ato fundamental da arquitetura é compreender a vocação do lugar e, dessa maneira, proteger a terra para nos tornar parte de uma totalidade compreensível. O propósito da arquitetura é fornecer um ponto de apoio existencial que propicie orientação e identificação e que produza o pertencimento a um lugar para possibilitar a travessia da soleira e a reconquista do paraíso perdido. A arquitetura ocorre na fronteira que separa o que é estranho do habitual; a fronteira é a corporificação da diferença – a fronteira constitui o lugar. A diferença cria o conceito, cria a fronteira, cria o ser.

4.4.

Ser estrangeiro de sua própria morada

Cheguei hoje, de repente, a uma sensação absurda e justa. Reparei, num relâmpago íntimo, que não sou ninguém. Ninguém, absolutamente ninguém. (...) Roubaram-me o poder de ser antes que o mundo fosse. Se tive que reencarnar, reencarnei sem mim, sem ter eu reencarnado. (...)

Não sou ninguém, ninguém. Não sei sentir, não sei pensar, não sei querer. Sou uma figura do romance por escrever, passando aérea, e desfeita sem ter sido, entre os sonhos de quem me não soube completar.

(...) Minha alma é um maelstrom negro, vasta vertigem à roda do vácuo, movimento de um oceano infinito em torno de um buraco em nada, e nas águas que são mais giro que águas bóiam todas as imagens do que vi e ouvi no mundo – (...) E eu, verdadeiramente eu, sou o centro que não há nisto senão por uma geometria do abismo; sou nada em trono do qual este movimento gira, só para que gire, sem que esse centro exista senão porque todo o círculo o tem. Eu, verdadeiramente eu, sou o poço sem muros, mas com a viscosidade dos muros, o centro de tudo com o nada à roda.¹⁰⁹

A saída do lugar habitual está associada, em Heidegger, à experiência do estranho e à possibilidade de renovadas aberturas de sentido do estar-no-mundo. O sentimento do estranho inerente ao homem impede-o de se sentir em casa ao mesmo tempo em que o incentiva a buscar um lugar estável, uma morada que configure sua paisagem como caseira e habitual, que lhe proporcione a vista de si mesmo e a possibilidade de iluminação dos entes. O estranho torna visível o mundo. “A estranheza dos entes enquanto tal traz à luz a falta de morada do homem histórico em meio aos entes como um todo.”¹¹⁰

A possibilidade de estranhamento do sentido habitual de algo ou de alguma coisa torna possível a percepção da coisa e sua visibilidade. O homem, ao conduzir o seu ser no sentimento de ser estrangeiro no mundo, nesta terra e de si mesmo, habita na dicotomia entre a familiaridade e o estranho, entre o pertencimento a um determinado lugar e o risco de se estar fora dele. O não reconhecer-se aqui, ali ou de onde, é ameaçador. Segundo Ligia Saramago, é na privação do acolhimento pelo mundo cotidiano que um ser-aí, entregue a si próprio, se defronta com a responsabilidade e a possibilidade de ser o que é. A abertura do mundo é marcada pelo sentimento de estar exilado em sua própria casa, este sentimento de não estar em casa, que se traduz na angústia com o

¹⁰⁹ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Org. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 257-258.

¹¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1999, p. 174.

mundo como tal, angústia com o nada e com o “em-parte-alguma”. Na angústia se abre o mundo como mundo. A abertura do mundo para um ser essencialmente espacial se dá em-parte-alguma. Segundo a autora:

A angústia traz consigo o sentimento da ausência de um lugar. É nesse “em parte alguma” que se situa em geral a abertura do mundo para um ser essencialmente espacial. Em parte alguma é a região da abertura do mundo, é o próprio aí. A angústia resgata o *dasein* de sua queda na dedicação ao mundo, o ser aparece no modo existencial do não estar em casa.¹¹¹



Ilustração 33– Apartamento na Cidade Industrial de Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

O sentido mais profundo do habitar vem do não se sentir em casa. O que Heidegger afirma é que o fenômeno mais originário é o dotado de uma dimensão espacial: o sentir-se em casa, que remete à necessidade de habitar em algum lugar: “o não se sentir em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário”¹¹².

Quando há o rompimento da rede de encontro do mundo, perde-se o sentido da totalidade. Ao sentir-se estranho, desenraizado, estrangeiro, o homem acaba

¹¹¹ PÁDUA, Ligia Teresa Saramago. *A “topologia do ser”*. Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Tese de doutorado em filosofia, Departamento de Filosofia, PUC - Rio. 2005. p. 108.

¹¹² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, parte I. Tradução de Márcia de Sá Calvancante. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 253-254.

por absorver-se naquilo que faz, em seus atos e ocupações mundanas, sem se colocar autenticamente diante de si. O que Heidegger chama de inautenticidade, de existência inautêntica, é a fuga do ser-aí de si mesmo, é o desviar-se de si numa existência impessoal e alienada enquanto se relaciona com o mundo. Entretanto, paradoxalmente é justamente na fuga de si que o ser-aí mostra-se, deixa aparecer aquilo do qual foge, deixa-se ser aquilo que realmente é. A busca do sentido da sua existência, a busca da verdade do seu ser, é por si só o próprio sentido, a própria verdade.



Ilustração 34 - Rio de Janeiro. Foto de Rafael Borelli. 2010.

A experiência da vida é o não estar em casa, é esse sentimento de busca do Paraíso Perdido que origina o peregrinar do ser em direção ao que é. A obra de arte é uma força contrária à ideia de exílio, pela qual irrompe a unidade de autorreconhecimento e pátria. Com a proximidade da obra, de repente estivemos num outro lugar que não aquele em que habitualmente costumamos estar. A obra de arte transforma o lugar habitual em outro. O poder da obra de trazer à luz o solo pátrio, de reunir e devolver um povo a si próprio e de conceder às coisas sua imagem perante um mundo provém do fato de que estas obras possuem o estranho como traço essencial. Para Heidegger o choque da obra em comunhão com o seu ambiente é, em si, o próprio permanecer da obra como obra. O caráter de não se sentir em casa, de estrangeiro, está presente na obra de arte, assim como no homem, como um traço inescapável de sua própria existência. O limite da não-arte pode ser o de não produzir sentido, não constituir mundo. Mundo em comum, mundo compartilhado, mundo plural.



Ilustração 35 - Crianças na frente da própria casa para “aparecerem” na foto. Favela Parolim. Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

Se nos perguntamos cada vez mais aonde estamos indo é porque sabemos cada vez menos onde estamos.